

## O despertar do proletariado na Zona da Mata Mineira: Cataguases (1906-1920)

Ângela de Fátima Faria Pimenta\*

### 1- Classe, consciência de classe e organização operária: algumas considerações

*“... A classe operária surgiu como o sol numa hora determinada. Ela estava presente no seu próprio fazer-se”.*<sup>1</sup>

A literatura sobre a classe trabalhadora, tanto na Europa quanto no Brasil, sempre foram acompanhados de amplos debates teóricos e metodológicos. Isso certamente reflete, em grande medida, o caráter militante de muitos trabalhos, muitos deles realizados fora das universidades.<sup>2</sup> Conceitos como "consciência de classe" e as próprias definições do termo "classe" sempre estiveram no centro das discussões entre historiadores. Ressalto a importância da utilização desses conceitos que a partir de Eric Hobsbawm e Edward Thompson, ganharam uma nova dimensão, mais criativa e dinâmica, passando a ser tratados como fenômenos históricos perceptíveis e compreensíveis através da análise de conjunturas reais.

Eric Hobsbawm, um dos principais estudiosos da classe trabalhadora, afirma que uma classe, em sua acepção plena, só vem a existir no momento histórico em que as classes começam a adquirir consciência de si próprias como tal.<sup>3</sup> De acordo com esse historiador

A história de qualquer classe não pode ser escrita se a isolarmos de outras classes, dos Estados, instituições e ideais que fornecem sua estrutura, de sua herança histórica e, obviamente, das transformações das economias que requerem o trabalho assalariado industrial e que, portanto, criaram e transformaram as classes que o executaram.<sup>4</sup>

---

\* Mestranda em História (PPGHS-FFP/UERJ). E-mail: angelafapi@yahoo.com.br

<sup>1</sup> THOMPSON, E. P. a formação da Classe Operária Inglesa. Vol.1, A árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.9

<sup>2</sup> HOSBBAWM, E. J. Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história da classe operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.18.

<sup>3</sup> Idem p. 35

<sup>4</sup> HOSBBAWM, p. 13-23, 29-36

Também afirma que “a consciência de classe é um fenômeno da era industrial moderna – embora admita a presença de conflitos de classe em outras épocas”.<sup>5</sup>Muitas das análises de Hobsbawm sobre a consciência de classe estão pautadas nas definições de Lênin<sup>6</sup>, entre as quais: "consciência sindical", um nível mais baixo de consciência – referente às lutas e organizações dos trabalhadores por questões mais imediatas – e "consciência socialista", que seria o mais elevado nível de consciência entre os trabalhadores. Mas ambos os níveis de consciência implicariam na existência de organizações formais portadoras da ideologia da classe – como os sindicatos e partidos – sem a qual a organização consistiria apenas num complexo de hábitos e práticas informais.

As teorias de Thompson a respeito da formação das classes, assim como suas formulações conceituais referentes à consciência e à cultura, nos dão margem para que a investigação histórica se atenha principalmente ao ponto de vista dos sujeitos da história. Por classe entende como um fenômeno histórico e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais.<sup>7</sup>

Dessa maneira, os procedimentos teórico-metodológicos de Hobsbawm e Thompson, embora empregados na interpretação acerca de contextos e processo históricos específicos da Inglaterra, acabam também servindo como instrumentos de investigação para trabalhos historiográficos referentes a outras situações e a outros sujeitos. Entendidos como propostas metodológicas ampliam as possibilidades de compreensão sobre a formação dos trabalhadores como classe. Esse processo que é visto como resultado das lutas por interesses, presentes no cotidiano dos trabalhadores, podem ser bastante amplos. Dessa forma, tida como resultado dessas lutas, a

---

<sup>5</sup> Id, ibid, p.37

<sup>6</sup> LENIN, V.1 Que Fazer? São Paulo: Hucitec, 1986.

<sup>7</sup> THOMPSON, 1987. P.9-10

consciência não tem um modelo único e definido. Esse tipo de abordagem amplia as possibilidades de investigação acerca da organização dos trabalhadores, bem como o conceito de política, que passa a ser entendido principalmente como luta por interesses em comum.<sup>8</sup>

De maneira semelhante à Europa, o estudo da classe trabalhadora no Brasil também é marcado pelo debate metodológico, teórico e conceitual. Classe, consciência de classe, movimento operário e cultura estão no centro das discussões. Edgar Carone, um dos primeiros historiadores do movimento operário no Brasil, contrapõe a maturidade teórica dos trabalhadores europeus ao estágio imaturo dos trabalhadores brasileiros. Para esse historiador, os trabalhadores só teriam progredido, mesmo de forma limitada, após 1880, com o aparecimento da imprensa e das primeiras organizações operárias. Mesmo assim, para Carone, não teria havido avanços substanciais dos aspectos ideológicos e organizatórios os quais, em seu estado de amadurecimento pleno, acarretariam na formação de um partido, o "pivô central"<sup>9</sup>.

Boris Fausto, ao falar sobre as "Correntes organizatórias e seu Campo de Incidência" no movimento operário brasileiro, discorre sobre as características ideológicas dos socialistas e das tendências anarquistas no Brasil, utilizando o referencial marxista perpassado pela teleologia, que não dá conta das diferentes realidades. Ao discutir sobre a atuação dos primeiros sindicatos e partidos operários e sobre as características da imprensa operária, Fausto procura, a todo instante, demonstrar as limitações e debilidades dessas primeiras experiências organizatórias. Essa debilidade seria decorrente das condições objetivas da sociedade, onde "o peso restrito da classe operária" tornava inviável o surgimento de um núcleo dirigente inspirado no marxismo revolucionário e que pudesse conceber o proletariado como classe universal, "capaz de liderar as camadas dominadas na transformação revolucionária da classe".<sup>10</sup>

Outro historiador do movimento operário brasileiro, Sheldon Maram trata sobre as primeiras experiências organizatórias dos trabalhadores desde o final do século XIX. Condições de vida do trabalhador, imigração e conflitos étnicos, atuação dos partidos

---

<sup>8</sup> THOMPSON, Edward. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.10

<sup>9</sup> CARONE, Edgar. Classes sociais e Movimento Operário. São Paulo: Ática, 1989, p.29

<sup>10</sup> FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e Conflito Social.( 1890-1920). R. Janeiro: Difel. 1986, p.104

socialistas e operários, como o Partido Socialista Brasileiro (1902),<sup>11</sup>, influência dos denominados anarco-sindicalistas, congressos operários, movimentos grevistas e repressão policial e seus efeitos na dinâmica de organização sindical dos trabalhadores estão entre os pontos centrais abordados por Sheldon Maram. E, de maneira semelhante a Edgar Carone e Boris Fausto, Maram também se debruça sobre as limitações e debilidade do movimento operário brasileiro. Falta de disciplina e desorganização, atribuídas às lideranças sindicais, são apontadas por esse historiador como as principais causas do fracasso do movimento operário no início do século XX.

Por outro lado, alguns historiadores suscitaram questionamentos às abordagens tradicionais a respeito da classe trabalhadora, propondo novos enfoques teóricos e metodológicos. Parte importante desse debate pode ser notado nas observações feitas por Michel Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, que teceram críticas em relação à historiografia tradicional sobre o operariado:

Os autores avaliam se determinadas políticas são "corretas" ou mais frequentemente "incorretas" do ponto de vista de uma teoria. Há geralmente um carregado tráfico das palavras "ciência" e "científico". Os autores estão sempre prontos, habitualmente com uma nota de descrédito, horror ou desgosto, para constatar que a classe operária na América Latina falhou em levar a cabo a revolução proletária, portanto "traindo sua missão histórica". A classe operária, em tais interpretações, é em consequência classificada - ao menos tacitamente - como patológica: fraca, apática, imatura, desorganizada, sofrendo de uma aguda falsa consciência e daí por diante.<sup>12</sup>

As críticas de Hall e Pinheiro tinham como alvo principal historiadores como Boris Fausto e Sheldon Maram. Esses historiadores, enxergando a classe operária como imatura, desorganizada e sem forças para oferecer um projeto antagônico ao das classes dominantes,<sup>13</sup> vêem o movimento e a organização dos trabalhadores no início do século como desprovido de qualquer indício de consciência de classe, e, muitas vezes como mera aparição espasmódica da plebe revoltada ou movimento de caráter pré-político. Isso devido a ausência de um partido revolucionário que, na visão desses historiadores, seria a única forma de organização a representar e levar adiante os interesses dos trabalhadores. Ideia essa refutada também por Paoli, ao afirmar que o operariado brasileiro não é nem nunca foi atrasado e irracional, embora possa ser conservador. Em

---

<sup>11</sup> MARAM, S. L. Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979, p.103

<sup>12</sup> HALL, Michel M.& PINHEIRO, Paulo S.. Alargando a História da Classe Operária. *Remate de Males*. n° 5. 1985.

<sup>13</sup> CHAUI, M.& FRANCO, M. S. C. Ideologia e Mobilização Popular. R. Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.20

suma, que os dominados existem e tem voz própria e até mesmo, longe de serem alienados e passivos.<sup>14</sup>

Para Cláudio Batalha,

a noção de classe social, conceito central na história do trabalho, sem deixar de estar presente, não reina mais absoluta. Mostrando-se cada vez mais sensível a outros recortes além do de classe, tais como gênero, raça etnia, a história do trabalho nos últimos anos ao invés de contrapor esses diversos recortes, tenta integrá-los. Os temas tratados pela história do trabalho já não privilegiam esse ou aquele aspecto, tendem a ter mais atenção com a diferença e a complexidade da realidade. A história do trabalho tradicional preocupava-se essencialmente com os aspectos que unificavam os trabalhadores; sem abandonar essa dimensão essencial para a compreensão da ação classista, está cada vez mais atenta àquilo que os divide (origens étnicas, diferenças de ganhos e de status social, crenças, etc).<sup>15</sup>

Ao criticar os paradigmas do socialismo reformista durante a Primeira República, faz observações pertinentes acerca do conceito consciência de classe. Nos debates sobre o papel de comunistas e anarquistas junto ao operariado, afirma que “há uma noção explícita de que a classe operária é, necessariamente, revolucionária e que, portanto, sua única forma verdadeira de consciência de classe é a que assume esse papel revolucionário”.<sup>16</sup> Para Batalha é difícil falar sobre o sindicalismo reformista sem vinculá-lo a alguma forma de consciência de classe. E se essa consciência não se enquadra nas formas classificadas como “corretas” pela historiografia “é porque constitui uma outra forma assumida pela consciência de classe do operariado.”<sup>17</sup> Batalha abre outras possibilidades de pensar sobre a consciência no movimento operário da Primeira República, que também devem ser pensadas em relação a outros tipos de organização adotadas entre os trabalhadores.

Gomes, ao afirmar que o trabalhador ao resgatar as primeiras propostas que colocaram publicamente a possibilidade e a legitimidade de se figurar como um ator social e político da República, tenta captar as principais características dessas propostas, muitas vezes articuladas a formas organizacionais efêmeras, apontando as temas que elas sustentaram e os problemas que tiveram de enfrentar.<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> PAOLI, Maria Célia. Os Trabalhadores Urbanos na Fala dos Outros: tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: Cultura e Identidade Operária (coord. José Sérgio Leite Lopes). Ed. UFRJ; Rio de Janeiro, 1987. P.54

<sup>15</sup> BATALHA, H. M. Cláudio. Os desafios atuais da História do Trabalho. Anos 90, Porto alegre, v.13,n.23/24,p.87-104, jan.dez.2006

<sup>16</sup> BATALHA, Cláudio H. M. “Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República”. In: Ciências Sociais Hoje, 1990. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. p.118

<sup>17</sup> Id, ibid p.125

<sup>18</sup> GOMES, Angela de Castro. A invenção do Trabalhismo.3ed. rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Em *Caminhos Operários nas Minas Gerais*,<sup>19</sup> Eliana de Freitas Dutra debruça-se sobre o movimento da classe operária de Minas Gerais na Primeira República. A autora reconstrói a história de um segmento das classes trabalhadoras que parecia inexistente na história do sindicalismo brasileiro: a do operariado de Juiz de fora e Belo Horizonte durante os anos da Primeira República. Em seu estudo sobre as primeiras associações de trabalhadores nas duas principais cidades industriais mineiras, mostra a existência de dois movimentos divergentes: em Juiz de fora, o sindicalismo com maior capacidade de mobilização e ideologicamente mais heterogêneo, notando-se a presença de grupos anarco-sindicalistas. Em Belo Horizonte, o sindicalismo, sob a inspiração da Encíclica *Rerum Novarum* mobilizou-se de forma menos agressiva.

Luis Eduardo de Oliveira, em *Os Trabalhadores e a cidade*, preocupou-se com o processo que levaria trabalhadores a se compreenderem como classe social em Juiz de Fora, circunstanciando os aspectos centrais da experiência social desses estratos sociais populacionais despossuídos, quanto o caráter das atividades classistas, o conteúdo das reivindicações e as formas de organizações adotadas pelos assalariados juizforanos na passagem do século XIX para o XX.<sup>20</sup>

Através dessas análises é possível perceber a classe operária do início do século XX em sua peculiaridade, em seu contexto histórico e com suas experiências que não podem ser vistas como um modelo definido de classe ou de consciência de classe. Destarte, as discussões levantadas nos permitirão entender novos domínios históricos da classe operária, conseguindo levá-la para além “do quadro estreito da história política e ideológica onde tinha sido confinada”.<sup>21</sup>

### **1.1 - Cultura e associação de trabalhadores na zona da Mata Mineira.**

Além dos conceitos classe, consciência de classe, há uma preocupação por parte dos historiadores em ressaltar a existência de uma cultura de classe. Para Hobsbawm é impossível localizar os padrões característicos da cultura da classe operária como um

---

<sup>19</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec, 1988.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Luis Eduardo de. *Os trabalhadores e a cidade: a formação do proletariado de Juiz de fora e suas lutas por direitos(1877-1920)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

<sup>21</sup> HAUPT, Georges. “Por que a História do Movimento Operário?” *Revista Brasileira de História*. nº. 10, 1986.

todo até o final do século XIX. Esta cultura estaria ligada ao surgimento do capitalismo industrial, quando este tornou-se o modo de vida comum e aceito das classes trabalhadoras.<sup>22</sup>

Já o historiador, Gareth Stedman afirma que, em consequência do uso do tempo livre surgiu uma cultura operária no início do século XX, no entanto, ‘não foi uma criação consciente dos trabalhadores ou que estava limitada a eles, mas somente que, por sua mera importância numérica, as preocupações e predileções dos trabalhadores deixaram uma clara marca na forma adotada por essa cultura.’<sup>23</sup>

Para Thompson, a cultura de classe, assume a forma de sistema articulado a partir da própria atuação e da pressão da classe sobre elementos culturais que, algumas vezes, vão além dos costumes e hábitos em comum e por escolhas. Esse processo é marcado pelo conflito, lutas constantes, por interesses em comum e por escolhas. A cultura é tida como central no processo de formação das classes. No entanto, ela nunca é consensual. Ao contrário é um campo em conflito. Portanto, qualquer tipo de generalização torna-se vazia se não situada em contextos históricos específicos.<sup>24</sup>

Tratando das modificações da cultura proletária inglesa no início do século XX, Richard Hoggart faz algumas observações em relação ao peso do movimento operário e a cultura dos trabalhadores.<sup>25</sup> De maneira diferente de Eric Hobsbawm, que afirma que a cultura proletária a partir do final do século XIX seria incompreensível sem o movimento operário, Hoggart afirma que, nos estudos sobre os trabalhadores, há uma atribuição exagerada à atividade política na vida das classes proletárias. Dessa maneira, ressalta o caráter múltiplo, extensivo e pormenorizado da vida das classes trabalhadoras, cujos elementos são bastante semelhantes entre si.

No Brasil, Antônio Arnoni Prado em *Libertários no Brasil*<sup>26</sup> e Francisco Foot Hardman em *Nem Pátria Nem Patrão*<sup>27</sup> viram a importância de analisar as experiências

---

<sup>22</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p.263.

<sup>23</sup> JONES, Gareth Stedman . *Lenguajes de classe. Estudios sobre La historia de La classe obrera inglesa.(1832-1932)* . Madri;Siglo Veintiuno Editores, 1989. p.9

<sup>24</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Cia das Letras: 1998, p.17

<sup>25</sup> HOGGART, Richard. *As Utilizações da Cultura. Aspectos da vida da classe trabalhadora*. Lisboa: Presença. 1973

<sup>26</sup> PRADO. A. A. (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>27</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem patrão: Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São

dos trabalhadores através de suas manifestações culturais. Hardman ressaltava a necessidade de tratar a cultura como inerente ao processo de formação do seu movimento. Entre as manifestações culturais analisadas pelo autor, as atividades de propaganda e outras ligadas aos círculos sindicais e anarquistas estão entre as abordagens centrais, bem como as tensões e os conflitos entre as práticas militantes relacionada à classe de maneira mais ampla. Em *Libertários no Brasil*, obra com artigos de vários autores, destaca-se a produção cultural ligada aos núcleos anarquistas, tendo como questões centrais da obra romances sociais, folhetins, atuação de militantes e intelectuais e suas relações com os trabalhadores.

As tentativas de perceber a experiência da classe trabalhadora através das manifestações culturais privilegiam os núcleos sindicais, apesar de sua importância, não podem ser vistos como única forma de identidade dos trabalhadores. De acordo com Foot Hardman e Victor Leonardi, havia uma extrema riqueza cultural da classe em seu processo de formação, vinculada “a própria heterogeneidade nacional e regional do proletariado nascente.”<sup>28</sup> Essa cultura também se traduziu em relação aos espaços em que os trabalhadores compartilhavam experiências e construía sua identidade, que não estavam associadas somente às organizações sindicais.

Constatamos, porém nítidas comprovações de greves operárias neste período, além de representações de associações operárias mineiras no Congresso Internacional da Paz, realizado no Rio de Janeiro em 1915<sup>29</sup>, e no 1º, 2º e 3º Congresso Operário Brasileiro de 1906, 1915 e 1920, respectivamente. “Cronistas do Movimento operário brasileiro, tais como Hermínio Linhares, Jover Telles, Edgar Rodrigues e Everardo Dias, relatam sem exceção episódios como greves e manifestações públicas, envolvendo a classe operária de Minas Gerais na República Velha.”<sup>30</sup> A Liga Operária Cataguasense foi uma dessas associações que participou intensamente desses eventos.

Não obstante as diferenças teóricas, metodológicas e políticas entre historiadores que discutem a cultura dos trabalhadores, é comum que seja analisada como um conjunto de hábitos, práticas, símbolos, tradições, instituições inventadas ou

---

Paulo: Brasiliense: 1983.

<sup>28</sup> HARDMAN, Francisco Foot, Leonardi. História da Indústria e do Trabalho no Brasil. São Paulo: Ática: 1982, p. 254.

<sup>29</sup> Id. *ibid* p. 20

<sup>30</sup> Id, *ibid*. p.20



incorporadas por trabalhadores em diversos contextos históricos. No caso dos trabalhadores de Cataguases, torna-se difícil falar sobre o conjunto dessa cultura como algo homogêneo. A diversidade desses trabalhadores, entre os quais existiam imigrantes europeus e trabalhadores oriundos do meio rural, alguns ex-excravos, sugere uma diversidade e uma multiplicidade de tradições, costumes e formas de sociabilidades que seriam inexplicáveis através de um modelo único.

Assim, investigar os diversos espaços que essa cultura se manifestou, fundados sob lógicas e critérios diferenciados, mas ligados à experiência, e portanto ao “fazer-se dos trabalhadores, é uma maneira de problematizar aspectos ainda não explorados sobre a classe trabalhadora de Cataguases.

## **Capítulo I: O despertar do proletariado no interior da Mata Mineira**

### **1.1- Formação da Classe Operária em Cataguases**

O processo de industrialização de Cataguases data do início do século XX, quando imigrantes europeus e de outras regiões de Minas e do país se deslocaram para a Zona da Mata Mineira<sup>31</sup> integrando-se a comerciantes e cafeicultores da região. O desenvolvimento e a cultura do café foram os responsáveis pela ocupação e povoamento de toda a região. Cataguases, local onde a cultura do café se destacou entre as cidades desta zona e mesmo do Estado, foi perdendo aos poucos a posição que ocupava na produção cafeeira, devido ao cansaço da terra.<sup>32</sup>

Em 1901, a produção cafeeira era de 1.762.0066 quilos e em 1907 de 757.224 quilos anuais. Os números mostram que a cidade começa a perder sua base cafeeira, mas é neste momento que o processo de industrialização começa a tomar um novo ritmo, através da implementação da energia elétrica no município.<sup>33</sup> O jornal

---

<sup>31</sup> Zona da Mata Mineira, formada por 142 municípios, situada na porção sudeste do estado de Minas Gerais, próxima a divisa dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

<sup>32</sup> Jornal Cataguases, 28/02/54.

<sup>33</sup> SILVA, Lucilene Nunes da. As Condições de Saúde do Operariado Têxtil na Zona da Mata Mineira, 1941. UFRJ. 2005 (Dissertação de Mestrado),

Cataguazes,<sup>34</sup> relata numa reportagem de comemoração da fundação da Companhia Força e Luz Cataguases -Leopoldina a sua importância no desenvolvimento industrial da cidade.

A companhia força e Luz Cataguazes-Leopoldina é uma sociedade anonyma fundada aos 26 de Fevereiro de 1905, com capital inicial de 400 contos de reis, tendo por sede a cidade de Cataguazes,e, como objetivo de exploração, a electricidade para fins industriaes em suas diversas aplicações.<sup>35</sup>

O fato de Cataguases se situar próximo à cidade do Rio de Janeiro fez com que um comércio promissor fosse desenvolvido concomitante à implantação da rede ferroviária em 1874 quando seu primeiro trecho foi aberto de Porto Novo a Volta Grande, e no ano seguinte os trilhos já chegavam a Santa Izabel (Abaíba) e em 1879, a estrada já atingia Ubá, passando por Cataguases, e tendo um ramal para a cidade de Leopoldina.<sup>36</sup> A estrada de ferro Leopoldina chega a Cataguases em 1875 através da Lei Provincial n. 2.161, que determinava que depois de construída a linha-tronco até Leopoldina, podia a Companhia estender suas linhas férreas até Santa Rita do Meia Pataca.<sup>37</sup>

Segundo Blausenheim<sup>38</sup>, devido às dificuldades topográficas próximo à área urbana de Leopoldina, o engenheiro Antônio Paulo de Mello Barreto, concessionário da Companhia, resolveu mudar o terminal para Santa Rita do Meia Pataca, 12 km para o norte. O ramal chega a Cataguases em 1877, ficando como ponto central de uma enorme zona agrícola, tornando-se o empório de comércio da Zona da Mata.

Toda a movimentação comercial da região utilizava desta ferrovia, permitindo o acesso às localidades e a distribuição de manufaturas produzidas na região da Zona da Mata Mineira.

Com o desenvolvimento comercial tornou-se necessário o início de empreendimentos financeiros através da instalação do Banco Construtor do Brasil (1890) e do Banco Cataguases (1893) que possibilitaram transformar parte deste capital

---

<sup>34</sup> Jornal Cataguazes, 14/07/1929

<sup>35</sup> Jornal Cataguazes 14/07/1929.

<sup>36</sup> Breve História – Companhia Industrial de Cataguases. Disponível em: [www.cataguases.com.br](http://www.cataguases.com.br), acessado em 17 de novembro de 2010.

<sup>37</sup> SILVEIRA, J. M. P. Os ramais da estrada de ferro Leopoldina no sul da Zona da Mata, em Minas Gerais. 1872-1898. Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Jan- Mar, p.9-36, 2002

<sup>38</sup> BLASENHEIM, P.L. As ferrovias de Minas Gerais no século XIX. Locus: Revista de História. Juiz de Fora: ED UFJF. v.2

em iniciativas mercantis e industriais. Segundo Gorender,<sup>39</sup> foi por “via do mecanismo bancário e comercial, principalmente, que o capital acumulado na cafeicultura se transferiu para a indústria”. Prado Júnior<sup>40</sup>, confirma que a acumulação capitalista neste período origina-se basicamente da agricultura, sendo favorecido pelo aumento de trabalhadores assalariados que passam a mobilizar mais capitais favorecendo o aumento do mercado consumidor interno.

O início da industrialização em Cataguases, coincidiu com um significativo movimento de pessoas que saíam da zona rural e localidades vizinhas para os centros urbanos. Essas pessoas somadas a imigrantes portugueses, italianos e espanhóis formaram a mão-de-obra básica dessas indústrias. Mesmo a indústria produzindo a possibilidade de avanço para a região, ainda despertava dúvidas no imaginário popular, acostumado ao tradicionalismo agrícola.

Segundo Salles Gomes:

“[...] o projeto de uma tecelagem foi recebido com ceticismo, argumentando-se que ficariam na dependência da importação de fios e tecelões. Os filhos do Dr. Murgel, médico austríaco que viera para Cataguases no período áureo, enfrentaram o desafio apoiados a fundo pelo chefe político, Joaquim Gomes de Araújo Porto, que se esforçava em estimular atividades novas, enquanto o café não reconquistasse a grandeza perdida. A idéia foi ampliada e fundou-se através da venda de ações uma companhia de fiação e tecelagem.”<sup>41</sup>

Salles Gomes destaca a importância da implantação de indústrias na cidade enquanto o café não se recuperasse da crise pela qual passava. Novos investimentos eram feitos para superar o problema. A criação de uma fábrica têxtil apontava como uma possível solução. O Jornal O Cataguases de 1906<sup>42</sup> anunciava em suas páginas o início da construção das instalações da nova fábrica: a Cia de Fiação e tecelagem de Cataguases, utilizando máquinas a vapor, álcool e petróleo. No ano de 1908 era inaugurado o sistema de eletrificação urbano, o que permitiu apoio logístico para a instalação de novas indústrias. A instalação da energia elétrica deu um novo impulso à atividade industrial em Cataguases. Em 1911 é inaugurada a Fabrica de Tecidos União

---

<sup>39</sup> GORENDER, J. A burguesia brasileira. São Paulo: editora Brasiliense, 3ª edição, 2ª reimpressão, junho de 1998.

<sup>40</sup> PRADO JUNIOR, C. Síntese da evolução econômica do Império. In: História Econômica do Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 34ª edição, p.192-204, 1986.

<sup>41</sup> GOMES, P. S. Salles. *Humberto Mauro*: Cataguases Cinearte. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 61.

<sup>42</sup> Jornal Cataguazes, 20 ago. 1906.

Industrial, pertencente a Osório de Matos Lima, que produzia toalhas felpudas em suas 25 máquinas acionadas à eletricidade.<sup>43</sup>

O Engenho central de Cataguases, em operação desde 1890, pertencente a João Duarte Ferreira, beneficiava e rebeneficiava arroz e café. Em 1913, João Duarte instalaria na cidade uma serraria.

No decorrer da década de 1900, várias fábricas vão surgindo: a Nogueira e companhia, de 1906, fábrica de massas, biscoitos e balas; a fábrica de baús de Francisco Faraco, em atividade desde 1904; a fábrica de gelo e laticínios Silva Rama & Macio, que desde 1909 atuava no município. Além dessas havia a produção dos mais variados artigos, como: sabão, vassouras, fósforos, bebidas e cigarros.

Entre 1901 a 1905 a Câmara municipal isentou de impostos os moinhos de fubá e qualquer indústria que viesse a ser instalada no município, reduzindo também os impostos dos engenhos de café e cana-de-açúcar<sup>44</sup>; como também ficaram isentas durante dez anos, as sociedades com sede no município para a fabricação de fiação, tecelagem e tinturaria.<sup>45</sup> Essa medida incentivaria o desenvolvimento das várias fábricas que surgiam no município, bem como a possibilidade de novos empregos para a cidade.

Cataguases em 1906 exportava café, milho, feijão, arroz, açúcar, aguardente, toucinho, fumo e madeiras. Silva<sup>46</sup>, afirma que Cataguases e seus distritos contribuíram para a produção cafeeira em Minas Gerais no ano de 1906 com 8% da produção do Estado, exportando 10.827.451 quilogramas. O mesmo autor, relata que em 1907 eram produzidas na cidade de Cataguases, massas alimentícias, tecidos, meias, colchas, chapéus, almofadas, sapatos, cerâmicas, seda e móveis.<sup>47</sup>

Em Cataguases, os pioneiros das indústrias eram cidadãos das elites locais e regionais ou imigrantes que enriqueceram com o comércio e passaram a investir seu capital no setor manufatureiro, no início do século XX. Essas indústrias absorviam um grande contingente de mão-de-obra que, oriunda das fazendas e sítios, ia ocupando novas

---

<sup>43</sup> 100 anos de luz: Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina. Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho. 2006.

<sup>44</sup> SILVA, Arthur Vieira de Resende e. O Município de Cataguases: Esboço histórico. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, n. 13, p. 641-1028, 1909.

<sup>45</sup> Id, *ibid.*, p. 641-1028

<sup>46</sup> Id, *ibid.*, p. 641-1028

<sup>47</sup> Id, *ibid.*, p. 641-1028

moradias na periferia da cidade. O movimento de trabalhadores espelhava a influência dos pensamentos dos grandes centros dotando a cidade de um certo ar cosmopolita. Os setores têxtil, de alimentação e de bebidas são os que empregavam o maior número de trabalhadores.

Ao se analisar as fichas de registro dos funcionários<sup>48</sup> da Fábrica de Fiação e Tecidos Cataguazes, entre 1910 a 1920, constatamos que grande parte da mão de obra variava de 10 a 19 anos, sem qualificação profissional, sendo que grande parte era composta por mulheres, havendo também a participação de alguns imigrantes. Tendo como referência esses dados, e sem documentação acerca das outras, acreditamos que outras fábricas de menor porte a situação dos trabalhadores era semelhante. Essa classe operária, em grande parte composta de estrangeiros, mulheres e menores incidirá sobre o movimento operário

È importante ressaltarmos que consideramos operários não apenas os trabalhadores fabris mas os trabalhadores da estrada de ferro, da companhia de energia, empregados do comércio e de vários outros prestadores de serviços.

Além das indústrias maiores como a Fábrica de Fiação e Tecelagem, Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina, Estrada de Ferro Leopoldina, havia uma grande diversidade de pequenas manufaturas na cidade que empregavam grande parte da população de Cataguases, contribuindo para a formação do proletariado, nativos ou imigrados que chegavam ao município nos primeiros anos do século XX.

## **1.2 - Tendências ideológicas no “fazer-se” do operariado cataguasense.**

Tendo Cataguases um variado número de pequenas fábricas e uma diversidade de trabalhadores no início do século XX, é natural que se organizassem em associações.

Segundo Beatriz Loner, as diferentes formas de associação “correspondem a necessidades sentidas pelos trabalhadores e todas favoreceram laços de conagraamento e de igualdade entre seus membros, dentro do espaço associativo, propiciando o

---

<sup>48</sup> Parte integrante do acervo do CDH- Centro de Documentação Histórico em Cataguases.

necessário convívio aplainador de diferenças”, sem se descartar, no entanto, o conflito entre diferentes identidades e sociabilidades com a identidade de classe.<sup>49</sup>

Como sugerem Foot Hardman e Victor Leonardi, havia uma riqueza cultural da classe em processo de formação, vinculada “à própria heterogeneidade nacional e regional do proletariado nascente.”<sup>50</sup> Essa riqueza pode ser percebida através dos vários espaços onde os trabalhadores manifestavam sua cultura, compartilhavam experiências e expressam a construção de diferentes identidades entre as classes constituídas.

Em Cataguases é vivenciada uma experiência associativa de trabalhadores através da criação da Liga Operária Cataguasense, cujo núcleo inicial, composto basicamente de ferroviários, foi se diluindo com a adesão da categoria que mais crescia na cidade: a dos tecelões. Nesse contexto tentaremos perceber a relação entre o operariado emergente e a criação da Liga Operária Cataguasense, bem como a experiência associativa desses trabalhadores através das atividades promovidas pela mesma.

Acreditamos que a participação dessa Liga Operária, como em outros centros industriais,

“concentra sua atuação na via educativa, feita através da propaganda escrita e oral \_\_ jornais, livros, folhetos, revistas, conferências, comícios, além de festas, piqueniques, peças teatrais \_\_ no sentido de disseminar o ideal libertário de emancipação social, o esclarecimento da exploração capitalista, e também através da propaganda dos meios que os trabalhadores podem por em ação: greve, boicote, sabotagem, atos de protesto para se chegar à greve geral revolucionária e expropriadora e à nova sociedade, livre e igualitária.”<sup>51</sup>

Para Eliana Dutra<sup>52</sup>, embora o anarquismo, ao que parece, não tenha constituído na principal tendência de orientação do movimento operário mineiro, a sua presença foi relevante na constituição de núcleos organizatórios em zonas estrategicamente importantes como o sul e a Mata. Afirma ainda que “nas cidades do sul de Minas, servidas pela Rede Ferroviária Sul-Mineira, os sindicatos de resistência predominaram.”<sup>53</sup> Outras associações<sup>54</sup> como a Liga operária Cataguasense, de

---

<sup>49</sup> LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Editora Universitária: Unitrabalho. 2001 p. 132

<sup>50</sup> HARDMAN, Francisco Foot. LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982. P.254.

<sup>51</sup> SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e Anarcosindicalismo*. São Paulo: Editora Ática, 1987. p.21

<sup>52</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec, 1988. p77.

<sup>53</sup> Apud DUTRA, Eliana de Freitas. 1988. p. 77

Cataguases, a associação Operária de Divinópolis, O clube dos Broqueiros, de Nova Lima; o clube dos trabalhadores de Superfície, de Nova Lima; O círculo Italiano Unido de Itutinga; a Sociedade Italiana Filhos do Trabalho, de São João Del Rei, e a Liga Operária de Uberlândia, tiveram também na sua organização a influência de princípios anarco-sindicalismo.

Segundo Dutra<sup>55</sup>, a influência do anarco-sindicalismo se relaciona com a presença dos imigrantes, oriundos principalmente da Itália e Espanha, onde a ideologia anarquista deitou raízes em maior profundidade. Também contribuiu para essas manifestações as condições encontradas em Minas, como em todo o Brasil, no início da industrialização.

De acordo com um levantamento realizado com as fontes disponíveis<sup>56</sup> constatamos a possibilidade de outras tendências ideológicas presentes na Liga, além das concepções libertárias. Acreditamos que a experiência associativa vivida em Cataguases, incorporou experiências vividas em outras organizações imprimindo um caráter singular a essa sociedade como: idéias socialistas, mutualistas, além presença do anarco-sindicalismo. Para Cláudio Batalha<sup>57</sup> há uma combinação complexa, por vezes contraditória, em outras complementar, entre as práticas de resistência e de previdência no interior do movimento operário.

É possível identificar simultaneidades nas práticas referentes à Liga como: assembleias gerais de eleições das diretorias, conferências de cunho socialistas e caixa de socorros.

A programação das atividades da Liga podia variar consideravelmente, desde uma simples reunião na sede associativa para ouvir discursos, como uma série de outras opções que incluíam quermesses, bailes familiares, convescotes, etc. A presença nessas ocasiões de representantes de outras associações, de jornais, autoridades locais e de outras localidades legitimava o prestígio da Liga e corroborava para a formação do proletariado de Cataguases.

---

<sup>54</sup> Apud DUTRA, Eliana de Freitas. 1988.p.77

<sup>55</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. Caminhos Operários nas Minas Gerais. São Paulo: Hucitec, 1988.p. 78

<sup>56</sup> Entre as fontes utilizadas estão o Jornal Cataguases entre 1906 a 1920.

<sup>57</sup> BATALHA, Cláudio H. M. Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. Cad. AEL, v.6, n.10/11. 1999. P.47

Além das festas, várias excursões foram realizadas pela Liga a várias cidades, em visita a outras associações operárias, dentro da linha de estreitamento de laços de solidariedade entre o proletariado, preconizada pelos anarquistas. É frequente no Jornal Cataguazes referências a excursões dessa associação para assistir a posse de diretoria, posse de associados, bem como festejar o 1º de Maio como uma possível prática anarquista entre os associados da Liga de Cataguazes como podemos verificar na nota a seguir:

Essa utilíssima associação foi no dia 14 do corrente, incorporada e acompanhada de seu rico estandarte, no arraial de Mirahy empossar 40 associados novos residentes n'aquelle districto.

A associação foi recebida festivamente pela população do próspero districto de Miray, ao espocar de innumerous foguetes e ao som de bellas peças musicaes executadas pela banda local. (...).<sup>58</sup>

Mas é importante ressaltar que o Primeiro de Maio é ilustrativo da presença de várias tendências no movimento operário brasileiro, não ficando restrito as práticas anarquistas, sendo comemorado por outras correntes ideológicas.

Um outro aspecto dessa produção cultural ligada à emergência social do proletariado cataguasense foram as representações musicais com a participação de bandas, elos importantes da vida social do município. Em 1917 a Liga, através de um concurso passa a ter sua própria banda musical: a Banda da Liga, que marcava presença nas celebrações da associação. Nas aulas noturnas da Liga além de funcionar regularmente aulas de instrução primária e secundária, era oferecido aulas de música vocal e instrumental, o que evidencia a preocupação com a música por parte dos anarquistas.

Também se faz notório a criação de uma Escola Noturna para sócios e filhos dos associados, criada em 1913 pela Liga. “Numa época em que o Estado e a burguesia eram negligentes em relação à questão do ensino e da educação de um país iletrado como o Brasil, o movimento anarquista acreditava ser possível, no interior da sociedade capitalista, a criação de núcleos imunes à ideologia dominante”.<sup>59</sup> O jornal Cataguazes anunciava com frequência a o número de alunos e a necessidade de estender a data da matrícula para que os interessados tenham oportunidade de freqüentar a escola.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Jornal Cataguazes, 20/08/1911.

<sup>59</sup> HARDMAN, Francisco Foot, LEONARDI, Victor. História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte. São Paulo: Global Ed., 1982. P.325-326.

<sup>60</sup> Jornal Cataguazes, 15/07/1913



È importante ressaltar também, como prática da Liga a existência de uma Caixa de Socorros destinada às despesas de enterro de consócios e pensão às viúvas.<sup>61</sup>, o que nos leva pensar que uma associação de influência anarco-sindicalista, subscreviam posições contrárias aos socorros,mas os mantinham, caracterizando mais de uma matriz ideológica na Liga. Como podemos verifica Boris Fausto assinala que

“nos planos dos princípios, o anarco-sindicalismo brasileiro definia o sindicato como órgão de luta, que recusa funções assistenciais (em contraposição às associações mutualistas),aberto aos operários de todas as tendências políticas A verdadeira força do sindicato repousa na solidariedade e não nos recursos materiais.”<sup>62</sup>

Já para Foot e Leonardi, a presença do proletariado nas primeiras décadas do século XX se caracteriza pela organização em mutualistas, em ligas, realizam greves, editam jornais, mas não se deve perder de vista a extrema fragilidade deste movimento pelo tamanho reduzido dessa nova classe que se encontrava em uma condição embrionária.<sup>63</sup> Acreditamos que a classe operária de Cataguases em estado embrionário e em contato com outros centros urbanos maiores permitiu que houvesse uma mescla de ideologias apropriadas pela Liga de Cataguases.

Outro exemplo de mais uma tendência ideológica é o destaque à Conferência dada por Waldomiro Padilha,em 1913, que percorria o Brasil em propaganda do socialismo e em defesa dos operários. Convidado pela Liga Operária Cataguazense, o conferencista “pregou união, amor ao trabalho, à família, à escola, contra o jogo e o álcool”<sup>64</sup> Essa e outras conferências corroboraram a presença da concepção ideológica socialista pregada aos consócios dessa associação a convite dos líderes da mesma. Em geral a diretoria da Liga era composta por intelectuais como médicos, jornalistas, pequenos empresários, advogados, professores e até mesmo militares, evidenciando a singularidade da organização. Nas solenidades da Liga era convidada a elite intelectual, bem como membros da política e do clero que junto aos operários associados e convidados participavam à convite da associação.

A trajetória da Liga Operária Cataguasense possui especificidades na sua organização que oferecem elementos para a compreensão da organização e das

---

<sup>61</sup> Jornal Cataguazes, 09/12/1910

<sup>62</sup> FAUSTO, Boris. Op. cit. p. 105

<sup>63</sup> HARDMAN, Foot Francisco. op. cit.

<sup>64</sup> Jornal O Cataguazes, 07/01/1913.

experiências de luta do operariado de Cataguases. As particularidades da Liga Operária Cataguazense evidenciam uma experiência diferenciada de outras organizações operárias já estudadas pela historiografia. A análise da presença de uma organização de trabalhadores e sua ação na sociedade permite perceber nuances de sua prática, aspectos relativos às diferentes tendências ideológicas nela envolvidos, quanto possibilita deslindar os limites da ação da liderança operária, além de poder revelar sua organização interna enquanto associação.

Sendo assim constatamos que como os anarquistas, outras tendências ideológicas desempenharam um papel essencial ao propor a nível de discurso e de organização na participação política dos trabalhadores da Mata. Esta experiência rica de significados demarca o esforço de construção de uma identidade social para o operário em formação no início do século XX.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Unicamp, 2004.

BLASENHEIM, P.L. **As ferrovias de Minas Gerais no século XIX**. Locus: Revista de História. Juiz de Fora: EDUFJF. v. 2

DUTRA, Eliana.R.F. **Caminhos operários nas Minas Gerais**. São Paulo: Hucitec, 1988.

FARIA, V. **O processo de urbanização no Brasil: Algumas notas para seu estudo e interpretação**. I Encontro Associação Brasileira de Estudos.

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito social(1890-1920)** Rio de Janeiro: Difel, 1986.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro, Vértice/Iuperj, 1988.

GORENDER, J. **A burguesia brasileira**. São Paulo: editora Brasiliense, 3ª edição, 2ª reimpressão, junho de 1998.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_ & LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. São Paulo: Ática 1982.

HAUPT, Georges. “Porque a história do movimento operário?” **Revista Brasileira de História**, n. 10, 1986.

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOGGART, Richard. **As utilizações de cultura:** aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Presença, 1973.

PRADO JUNIOR, C. **História econômica do Brasil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Síntese da evolução econômica do Império.** In: História Econômica do Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 34ª edição, p.192-204, 1986.

SILVA, Arthur Vieira de Resende e. O Município de Cataguases: esboço histórico. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n. 13, p. 641-1028, 1909.

SILVEIRA, J.M.P. **Os ramais da Estrada de Ferro Leopoldina no sul da Zona da Mata, Minas Gerais (1872 a 1898).** Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, jan – mar, p.9-36, 2002.

THOMPSON, E. P. **A Árvore da Liberdade .** v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas: Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário:** trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República. UFMG. São Paulo, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **Palavra – Chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** Tradução de Sandra Guardini Vansconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.